

**Intolerância e ódio no ciber mundo:
observações sobre comentários gerados a partir de uma
imagem sobre identidade e gênero no Facebook**

*Intolerance and hatred in the cyberworld:
observations on comments generated from an image
of identity and gender on Facebook*

Guilherme Mendes PEREIRA¹

Resumo

Observamos neste estudo manifestações de ódio e intolerância na rede social Facebook, especificamente em âmbitos onde predominam brasileiros. Tais reações têm resultado em discussões hostis conhecidas como *flaming*. Exemplo disso foi uma postagem na *fanpage* da revista *Galileu* que gerou grande polêmica entre os usuários. A publicação trouxe uma imagem de capa ilustrando a problemática da identidade e gênero, o que incitou posicionamentos morais raivosos, expostos por meio de comentários no referido post. Propomos a observação mais atenta e a reflexão sobre estas práticas, cada vez mais banalizadas por atores sociais *online*, como nos exemplos evidenciados neste ensaio. O impulso da repressão à diferença e alteridade, latente nas relações sociais cibermediadas, é uma ameaça à cidadania e à vida em sociedade, e fragiliza o ideal democrático. Esperamos que reflexões como essa possam fomentar outras e, quiçá, estimular revisões de pontos de vista radicais e de atitudes extremadas.

Palavras-chave: Comunicação Social. Estudos Culturais. Intolerância e ódio no ciber mundo. Ideologias de gênero.

Abstract

We observed in the present study the manifestations of hatred and intolerance in the social network Facebook, specifically in areas dominated by Brazilian users. Such reactions have been resulting in hostile discussions known as flaming. An example was a post on the Galileu magazine's fanpage that generated great controversy among users. The publication brought a cover image illustrating the issues of identity and gender, which prompted the communication of rabid moral positions. We propose an attentive observation and reflection on these practices, increasingly trivialized by online social actors, as in the examples shown in this essay. The repression impulse towards

¹ Doutorando em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail: gmpereira@hcpa.edu.br

difference and otherness, constant in cybermediated social relations, is a threat to citizenship and life in society, and it weakens the democratic idealism. We hope such reflections shall encourage others, and perhaps stimulate reconsidering radical points of view and extremist attitudes.

Keywords: Social Communication. Cultural Studies. Intolerance and hatred in the cyberworld. Gender Ideologies.

Introdução

O constructo de um imaginário cultural sobre o Brasil enquanto um país hospitaleiro, paraíso tropical de belezas exuberantes, de povo alegre, zeloso e sereno tem sido elaborado e reiterado desde a década de 1930 em livros, na televisão, em filmes, eventos culturais e textos jornalísticos, explica Freire Filho (2015). O autor apresenta um conciso panorama histórico do imaginário sobre o “povo brasileiro feliz” e desenvolve uma crítica a tal percepção edênica, alegando que ela esconde profundas contradições.

Essa imagem do brasileiro como um povo pacífico remete à ideia do “homem cordial”, termo cunhado por Sérgio Buarque de Holanda, na obra *Raízes do Brasil* (1936). O vocábulo cordial (que tem sua raiz etimológica no termo latino *core*, que significa coração) refere-se a quem age mais através das emoções do que pela racionalidade. De acordo com o autor, o Brasil se desenvolveu em um cenário no qual não há uma separação clara entre o público e o privado, sendo um país que se formou a partir da exploração do trabalho escravo ocorrida no seio de um sistema familiar, onde o Estado é uma extensão dos interesses privados de grupos que são ligados por laços fraternos. Ou seja, o homem cordial é aquele levado por suas paixões, sejam elas de vínculo afetivo ou paixões violentas e cruéis, pelas quais a disputa por poder e recursos econômicos ultrapassa qualquer ideal democrático.

Freire Filho (2015) argumenta que, na atualidade, por intermédio das redes de sociabilização digital, o brasileiro parece desvelar a sua intrínseca ambivalência: é alegre e acolhedor, mas também ressentido, agressivo e conservador.

Em recente estudo, Amaral e Coimbra (2015) – tomando como exemplo a campanha #eunãomereçoserestuprada, realizada em redes sociais, e os comentários de *haters* (odiadores) – mostram que brasileiros na rede propagam violência simbólica,

fazendo com que esta extravase o âmbito virtual quando são validados certos posicionamentos morais e preconceitos.

Tiburi (2015) vai além: discorre sobre diversos casos de manifestações de intolerância e ódio *online* em relação a grupos minoritários e periféricos, no contexto brasileiro, traz exemplos e contextualizações atuais e defende uma espécie de ativismo filosófico, ao estimular o diálogo e o questionamento a comportamentos e atitudes que tolham a liberdade e livre expressão.

Nesse contexto, observamos que muitos usuários, ao frequentarem o ciber mundo, assumem e intercalam identidades e posicionamentos variados: ao mesmo tempo em que dividem cenas de uma vida próspera e hedonista (vestindo belas roupas, degustando pratos exóticos, viajando a locais paradisíacos, exibindo um físico apolíneo ou uma vida social prestigiosa), deixam transparecer posicionamentos raivosos quando comentam sobre políticas afirmativas conquistadas nas últimas décadas, como a igualdade racial, de gênero ou mesmo sobre liberdade de expressão política e/ou religiosa.

De fato, o que observamos é uma grande quantidade de opiniões revoltosas e de tom maniqueísta inundando o circuito digital. Acessando redes sociais *online* como o Facebook, Twitter ou Youtube, por exemplo, podemos verificar que o “feliz povo brasileiro” também é hostil, intolerante e preconceituoso. Conforme coloca Freire Filho (2015):

O certo é que testemunhamos um inaudito reconhecimento público da presença do ressentimento em nossa história, nossas relações sociais e nossa vida política. Qual o papel dos diferentes espaços comunicacionais e artefatos midiáticos na promoção das atuais revisões do caráter brasileiro e da constituição da identidade nacional? Buscar respostas para essa interrogação central é, sem dúvida, uma das contribuições mais significativas que o campo da Comunicação pode oferecer para pensar o Brasil contemporâneo (p.416).

A partir da observação deste cenário, o presente texto procura desenvolver algumas reflexões sobre um fenômeno cada vez mais frequente na realidade social e

cultural brasileira: o *flaming*². Focaremos, especificamente, nas discussões sobre gênero, onde podem ser observadas posições intolerantes e raivosas, principalmente desde a popularização do debate sobre a causa LGBTTT³ e o Feminismo. Percebemos que há uma resistência a tal processo de transformação social, que apenas reivindica tolerância, igualdade e reformulação crítica dos parâmetros de normalidade. Na contramão dos discursos afirmativos, o que observamos é uma série de argumentações vinculadas à manutenção de uma tradição excludente e normativa. Tais reações, na maioria dos casos, não estão acompanhadas de um debate aprofundado (o que é reivindicado pelas teorias críticas), mas se reduzem à afirmação enfática e tautológica da tradição por si mesma.

Aranha (2014) coloca o *flaming* como uma prática de *cyberbullying*, uma espécie de “linchamento moral pela internet”, que vai além de uma discussão inflamada entre atores sociais com pontos de vista discordantes. Caracterizado por acontecer em espaços virtuais públicos, o fenômeno é mais do que uma simples discordância e envolve grande quantidade de troca de mensagens, usualmente em tom pejorativo. Para além do embate de ideias, o foco desse tipo de conversação é a ofensa, humilhação e desqualificação do outro. Apesar da intensidade, a conversação por meio do *flaming* esgota-se rapidamente, na mesma potência em que foi originada.

Recuero (2013), por sua vez, comenta sobre a prática do *troling*⁴ e o recurso do humor como forma de mascarar discursos de ódio, o que faz com que os mesmos sejam mais facilmente legitimados e propagados pelos atores sociais, incorrendo em efeitos negativos como perda de capital social, silenciamento e rompimento de conexões (perfis deletados, por exemplo), fundamentais à existência e manutenção das redes sociais.

A motivação para este estudo surgiu da observação cotidiana, em diversas redes sociais, do fenômeno aqui indicado (manifestações de intolerância e ódio *online* - o *flaming*) e, mais especificamente, de comentários a uma postagem feita na *fanpage* da

² Interação *online* coletiva em que atores sociais publicam comentários de texto raivosos e preconceituosos (sempre em tom pejorativo) que hostilizam e desqualificam o outro, bem como posicionamentos diferentes (cf. ARANHA, 2014; DERY (1994); RECUERO, 2013).

³ Sigla para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros.

⁴ Prática no âmbito *online* na qual se hostiliza e desqualifica o outro por meio do deboche, do sarcasmo e da ironia. Uma variação do *flaming*.

revista *Galileu*⁵ (figura 1). A publicação da imagem de capa referente à edição lançada em novembro de 2015 gerou cerca de 1,8 mil comentários, 19 mil curtidas⁶ e mais de 5,5 mil compartilhamentos. Metodologicamente, contrastamos o referencial teórico com 11 comentários de texto selecionados (o *corpus* total deste ensaio) a partir do artigo *20 comentários que provam que a nossa capa sobre gênero é necessária*⁷, da própria revista *Galileu*. Observando alguns dos milhares de comentários na *fanpage* da revista e, mais especificamente, os 20 comentários da amostragem da *Galileu*, definimos alguns eixos temáticos e agrupamos os 11 comentários mostrados a seguir por semelhanças argumentativas.

Notamos que os comentários aqui indicados são dirigidos tanto à revista – que trouxe a temática de identidade e gênero à tona – quanto aos grupos e minorias representados pela referida imagem. Percebemos, ainda, uma ausência de diálogo naqueles comentários que não consistem em questionamentos, mas em afirmações tautológicas, como o leitor poderá verificar nos eixos temáticos descritos na sequência. Não consideramos aqui, para fins de análise, os comentários que questionam os posicionamentos de cunho fascista⁸.

⁵ Disponível em: <<https://goo.gl/Yr3MZP>>.

⁶ Abaixo dos comentários existe um ícone de uma mão em sinal afirmativo com um algarismo numérico ao lado. Ao clicar nesse ícone é sinalizada uma concordância em relação à postagem/comentário.

⁷ Disponível em: <<http://goo.gl/B4n0Ka>>.

⁸ Cabe aqui uma distinção ao movimento político italiano fascista iniciado em 1922 e liderado por Benito Mussolini. Neste ensaio, utilizamos a acepção contemporânea comentada por Tiburi (2015), por meio da qual se entende o fascismo como uma ideologia da negação. O fascista contemporâneo nega a tudo, se recusa ao diálogo e à reflexão, não suporta a ideia de democracia e de liberdade de escolha e combate a diferença e a diversidade. Atores sociais adeptos a esta ideologia e à sua conduta moral têm sido empoderados pelas possibilidades de comunicação que trazem as redes sociais digitais.

Figura 1: Capa da revista *Galileu* / Novembro 2015



As reações à imagem de capa da revista *Galileu*

É inegável que as redes sociais têm potencializado a disseminação de produtos culturais e de discussões que expõem pontos de vista heterogêneos (que podem levar ao questionamento e à desconstrução de assuntos diversos, como a problemática sobre identidade e gênero, por exemplo).

Nesse contexto, podemos citar a página⁹ do deputado federal Jean Wyllys no Facebook, que tem trazido postagens atreladas a políticas sociais e incitado debates. A travesti Laerte é outro caso interessante, nesse sentido: por meio de sua imagem, suas charges¹⁰ e sua *fanpage*¹¹, a cartunista têm alvoroçado ânimos e a opinião pública na *web*. No Youtube, o canal *Põe na Roda*¹² tem lançado vídeos de fundo cômico e crítico, para debater sobre identidade, sexualidade, cultura e política. É curioso observar os comentários subsequentes a estas publicações e produtos culturais e os diálogos que daí surgem. Outro fenômeno verificável nesse eixo temático é o *reality show RuPaul*

⁹ Disponível em: <<https://goo.gl/1XevF1>>.

¹⁰ Disponível em: <<http://goo.gl/jjGak9>>.

¹¹ Disponível em: <<https://goo.gl/rBJ3HY>>.

¹² Disponível em: <<https://goo.gl/5qGIFi>>.

*Drag's Race*¹³ que, por meio de desdobramentos em mídias variadas e no Facebook, tem promovido discussões e uma espécie de “humanização” das figuras da *Drag Queen* e travestis, que até então tinham suas práticas contraculturais execradas e subjugadas a espaços periféricos.

Apesar dos inúmeros prós resultantes dos usos e reapropriações dos novos substratos comunicacionais, o contato cotidiano e a popularização das redes sociais *online* também têm revelado fenômenos menos salutares: inúmeros grupos parecem compor eixos radicais e extremistas, de teor fascista (grupos homofóbicos, misóginos, racistas, etc.), que difamam e coíbem tudo o que diverge de suas premissas e visões de mundo, tudo o que é diferente e que causa estranhamento.

Tiburi (2015) explana sobre essa realidade que tem se tornado cada vez mais latente, graças aos constantes adventos cibertecnológicos. Ela fala do *consumismo da linguagem*, conceito que tenta indicar a banalização do opinar sem ouvir atentamente ao outro, e sem ter um bom conhecimento sobre o objeto do qual se fala. A linguagem perde sua potência política. Replicam-se discursos empobrecidos de sentido, vazios de reflexão e carregados de ódio, estereótipos e preconceitos. Por meio das redes sociotécnicas, todos observam a todos e o desejo de se tornar popular se sobressai a qualquer reflexão sobre o que se diz ou se faz. Falta bom senso e respeito à alteridade. Perpetua-se a incompreensão e a ignorância. É o fascismo ressuscitado nos modos de ser da contemporaneidade, a era da dita “redemocratização social” por intermédio das redes digitais.

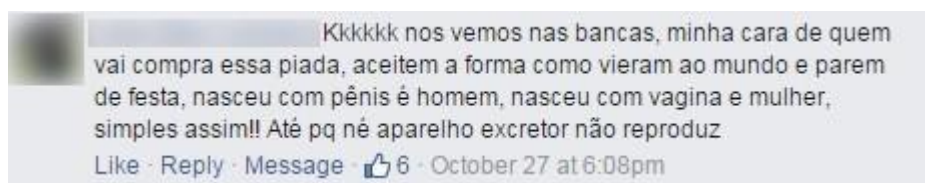
Revista com enfoque na divulgação científica, a *Galileu* trouxe à tona uma questão das ciências sociais e humanas — até então, a revista vinha dando maior atenção a assuntos e temáticas das ciências exatas, biológicas e da saúde —: a reflexão sobre identidade e gênero. No âmbito científico, no campo das ciências sociais e humanas, estudiosos têm desconstruído e repensado questões atreladas a esse eixo temático, fomentando discussões já consolidadas no eixo acadêmico (cf. BUTLER, 1990, 2002; FOUCAULT, 1997, 2002, 2003; LOURO, 1998; SILVA, 2003, dentre outros), mas que, infelizmente, têm sido pouco divulgadas por canais, produtos e culturas midiáticas em geral.

¹³ Produção estadunidense transmitida originariamente pelo canal *Logo TV*. Estreou em 2009 e atualmente está na oitava temporada. Seu criador e apresentador é o artista RuPaul.

Na referida capa de *Galileu* (figura 1), é mostrado um rapaz negro, de feições andróginas e nu, vestindo uma peruca, um vestido e um colar que parecem “explodir” de sua figura. Em tese, os leitores dessa publicação são letrados e interessados por ciência e avanços tecnológicos e sociais, o que nos levaria a crer que são pessoas conhecedoras de pontos de vista e realidades diversos, e com certo senso de respeito às diferenças, afinal, evoluções científicas usualmente nascem de dúvidas, discordâncias e embates. Na práxis científica, a crítica e a desconstrução dos próprios discursos e produtos são permitidas, pois o movimento precisa ser de evolução constante, a fim de que se entenda os fenômenos da forma mais precisa e eficiente possível.


É evidente que há outras questões que influem aprimoramento moral e humano dos indivíduos além do saber científico, no sentido do desenvolvimento da empatia e do respeito ao outro, como a capacidade cognitiva, a criação familiar, a educação escolar (cf. PIAGET, 1977) e valores transmitidos por instituições, culturas e egrégoras as quais os grupos sociais e indivíduos encontram-se afiliados. Ainda assim, nos referidos comentários à postagem da capa da revista *Galileu* no Facebook, podemos verificar que muitas pessoas tentaram embasar opiniões preconceituosas e raivosas em argumentos tidos como “cientificamente ou teologicamente imanentes”, ou simplesmente visaram a desqualificação do outro, e revelaram — em maior ou menor grau — falta de conhecimento sobre a temática. Optamos por reproduzir alguns destes comentários¹⁴, a fim de exemplificar nossos argumentos e facilitar a leitura. Nosso critério metodológico para a análise foi agrupá-los por semelhanças, como veremos a seguir, para melhor entendermos alguns eixos temáticos sobre os quais operam as argumentações.

Figura 2: Comentários de texto na *fanpage* da *Galileu*



¹⁴ Reiteramos que os 11 comentários aqui mostrados foram extraídos do artigo *20 comentários que provam que a nossa capa sobre gênero é necessária*, da revista *Galileu*. Disponível em: <<http://goo.gl/B4n0Ka>>

Quer dizer que eu tenho que aceitar e achar isso lindo pra não ser taxado de preconceituoso? Quer dizer que é natural ir contra a biologia? Qual a necessidade de se gritar isso aos quatro ventos? Na boa, o que cada um faz com seu corpo é problema seu mas não me obriguem a aceitar e achar normal uma bizarrice dessas! Meu medo é daqui poucos anos isso ser considerado normal, nessas horas que começo a acreditar no fim do mundo!

Like · Reply · Message ·  26 · October 27 at 5:54pm · Edited

Ah, sim, a Ideologia de Gênero, também conhecida como esquizofrenia (pelo menos naquelas terras que ainda não foram tocadas pela insanidade). Não sabia que a Galileu foi comprada pela Carta Capetal e Brasil 171.

Like · Reply · Message ·  6 · October 28 at 2:26am · Edited

Isso é só o velho marxismo. A velha e carcomida ambição de moldar a natureza humana, agora saindo da economia para se meter na biologia e na psicologia para fabricar um exército de seres atomizados melhor controlados pelo Estado.

Like · Reply · Message · Yesterday at 2:43am

Ideologia de genero . Não luta gomtra o preconceito porra nenhuma! O q querem e transformar as crianças em gays.


Like · Reply · Message ·  18 · October 27 at 4:48pm

Revista ridícula! Pega o seu tema "gênero" (para mim isso é novílingua e não pertence ao português) e manda pra pqp. NUNCA vou ler um lixo de revista como essa. 😏 Aliás, a capa também está horrenda.

Serve para forrar a caixa de areia dos meus gatos. ☐

Like · Reply · Message ·  1 · 21 hours ago · Edited

Para que chingar , querem respeito e não respeitam Deus criou o mundo , o homem e a mulher , vocês não sabem nem fazer uma formiga e querem criar mais alguns tipo de criatura humana ???

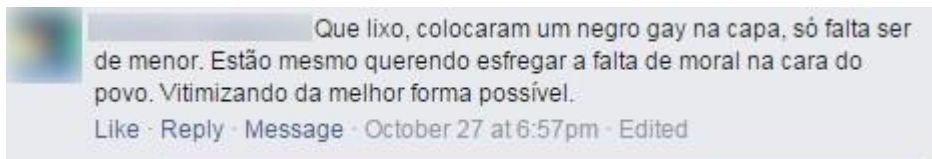
Like · Reply · Message ·  4 · October 28 at 9:42am · Edited

com a perda do senso biológico, seremos aquilo que queremos ou achamos que somos, seja um homossexual, ou até mesmo podemos acreditar não fazemos parte dos gêneros aí presentes. Fico pensando para onde a queridinha "evolução" está nos levando, acredito, lamentavelmente, que para o caminho inverso ao da perpetuação da espécie, talvez seja uma ação de equilíbrio da própria "mãe natureza". Só deixo uma sugestão para todos nós: deveríamos refletir mais antes de legitimar um conceito tão antagônico às leis naturais!

Like · Reply · Message · October 28 at 12:55am

A Galileu agora é uma sucursal da Caros Amigos ou da Carta Capital? Porque identidade de gênero pode ser qualquer coisa, menos um tema ligado à ciência. Pobre Galileu, estaria horrorizado se visse seu nome ligado a uma gazela louca como a figura da capa.

Like · Reply · Message ·  4 · October 27 at 9:12pm



Fonte: revistagalileu.globo.com

Segundo Dery (1994), o ambiente virtual garante ampla visibilidade, aliada a uma impessoalidade assíncrona, sem falar na perda de todas as nuances não verbais existentes em uma conversação interpessoal. Isso, acreditamos, pode acarretar na potencialização de ruídos comunicacionais, facilitando o desentendimento. Assim, no *flaming* existe um distanciamento das fragilidades e frustrações da comunicação interpessoal. Tais fatores, possivelmente, estimulam o impulso ao direito de ter voz, de integrar grupos sociais, de gerar identificações. Direito, na maioria das vezes, exercido através de argumentações pobres em reflexão, sem posicionamento crítico e comprometimento ético, algo cada vez mais banalizado em discussões nas redes sociais *online*.

Curioso observar que a maior parte dos comentários aqui indicados possui várias curtidas, sinalizando que outros legitimaram as respectivas opiniões e discursos. Essa hostilidade entre pessoas na *net*, reforçada entre grupos, era originalmente observável em trocas de *e-mails*, alguns fóruns e áreas de comentários de *blogs*, e ficava restrita a pequenos grupos (DERY, 1994). Hoje, com o amplo acesso a dispositivos e com a popularização de redes sociais e de movimentos coletivos *online*, motivados pela emotividade, os espaços de convívio no ciber mundo parecem estar se tornando grandes arenas de embates que acabam por banalizar tais práticas, que dificilmente repercutem em mudanças morais efetivas.

A economia dos afetos no ciber mundo

Em tradução literal, o vocábulo *flaming* denota a qualidade de ardente, brilhante ou chamejante. A prática do *flaming* na *web* acaba por incorrer em um jogo social — imprevisível e incontrolável como uma labareda — no qual o apelo emocional prevalece e acaba por ditar o teor das argumentações, em detrimento do pensar cuidadoso, orientado pela responsabilidade ética.

Williams (1998) explica que a ampla mediação tecnológica das relações sociais tem remodelado a experiência emocional humana. O autor revisita a dicotomia corpo (realidade física) / mente (espaço virtual) e comenta sobre a problemática do ciberespaço que, desde seu projeto, vem prometendo a potencialização e otimização dos saberes, sentidos, prazeres e práticas sociais. A virtualização do sexo (via *gadgets*, como óculos de realidade virtual, vibradores e réplicas humanas sintéticas), por exemplo, propõe a amplificação do prazer, sem o ônus da troca de fluídos corporais, que pode trazer o risco de contágio por agentes patogênicos ou o perigo de uma concepção indesejada; e sem a frustração referente a expectativas fomentadas por constructos culturais popularizados (padrões estéticos de beleza do corpo e pornografia).

Da mesma forma, percebemos que, nas interações que acontecem na assepsia e no distanciamento do ciber mundo, torna-se fácil e convidativo exteriorizar opiniões e predileções, pois não há o risco da exposição direta às reações do outro. O ator social pode simplesmente ignorar a reação alheia ou visualizá-la quando quiser. Com isso, evita-se o constrangimento de ter de lidar com um posicionamento que difira do próprio e que provoque um desconfortável movimento de reflexão, averiguação e desconstrução de crenças e posicionamentos assumidos.

A pesquisadora Sara Ahmed (2004) sugere pensar o perpassar da emoção pelas relações sociais sob uma perspectiva político-cultural. Emoção, do latim *emovere*, carrega a ideia de mover, mudar. A emotividade está sempre endereçada ao outro, criando sentido e valor. Para a autora, as emoções conectam as pessoas, suas práticas e produtos culturais, imbuindo-os de sentido e incidindo em associações, posicionamentos e engajamentos; atitudes políticas, em suma. Conforme essa perspectiva, os objetos da emoção (adjetivos, discursos, produtos culturais, práticas sociais, condutas morais, etc.) ganham forma, repercussão e legitimidade por meio dos efeitos de sua circulação.

Observando as emoções, podemos perceber como todas as ações são, *stricto sensu*, reações; no sentido de que tudo o que fazemos é orientado pelo contato que temos com o outro. A referida estudiosa (ibid.) explica que os atores sociais endossam e articulam emoções em suas práticas culturais na medida em que estas são valoradas dentro da dicotomia benefício/malefício. Assim, o processo de atribuição de sentido orientado pelas emoções é percebido sempre a partir do que pode afetar negativamente

os atores sociais. As emoções, nessa perspectiva, estão além do mero enlace com o que ela chama de corpo individual (âmbito psíquico) ou com o corpo social (âmbito das relações sociais); elas produzem superfícies e fronteiras de sentido que permitem delimitar não só o indivíduo e a sociedade, mas também suas práticas e produções culturais.

Nos comentários de texto aqui documentados, atores sociais pautados pelo assunto identidade e gênero tentam fundamentar sua intolerância e ódio nos tipos de argumentos a seguir.

1. Pretensamente racionais/científicos: “[...] nasceu com pênis é homem, nasceu com vagina e mulher, simples assim!! [...]” (sic) (Figura 2); “[...] quer dizer que é natural ir contra a biologia? [...]” (sic) (Figura 3); uns criticam simplesmente a “ideologia de gênero”¹⁵ (Figuras 4 e 7); outro disse que a reflexão de identidade e gênero seria uma “remodelação do Marxismo” para o âmbito da Biologia e da Psicologia (Figura 6).

2. De cunho teísta: “[...] A ciencia nunca vai substituir a natureza e sinceramente, não deveria nem tentar.” (sic) (Figura 5); “[...] querem respeito e não respeitam Deus criou o mundo, o homem e a mulher [...]” (sic) (Figura 9); outros fazem menção às “leis naturais” ou a ir contra o “senso biológico” (Figura 10).

3. Vazios, calcados na intolerância, que visam meramente a desqualificação do outro: “O q querem e transformar as crianças em gays.” (sic) (Figura 7); “Revista ridícula! [...] a capa também está horrenda.” (sic) (Figura 8); “[...] Pobre Galileu, estaria horrorizado se visse seu nome ligado a uma gazela louca como a figura da capa.” (sic) (Figura 11); e “Que lixo, colocaram um negro gay na capa, só falta ser de menor. [...]” (sic) (Figura 12).

Nesse contexto, verificamos que são os adjetivos, discursos e condutas morais (os objetos da emoção) que circulam e produzem efeitos e não as emoções em si. Nos

¹⁵ Conforme Butler (1990), ideologias de gênero se referem a discursos que têm como premissa definir, qualificar e tomar partido de identidades, mas que acabam incidindo em nichos ideológicos que tendem a acirrar diferenças e desacordos sociais e políticos. Ilustrando tal acepção, conforme a pensadora, a categoria “mulher” é uma reificação de uma relação de gênero, e isso acaba incorrendo em algo contrário ao que propõe o feminismo, por exemplo, visto que a categoria “mulher” opera de forma bem-sucedida usualmente em um contexto heterossexual. Assim, o feminismo só poderá fazer sentido real através da negação do sujeito “mulher”. É necessário, deste modo, contestar as próprias reificações de gênero e de identidade.

exemplos trazidos, o ódio é motivado por estes objetos da emoção e não o contrário. Essa percepção de uma economia afetiva permite pensarmos para além das lentes do indivíduo e da subjetividade da psicologia e também para além de uma mirada unicamente sociológica/antropológica. Permite pensarmos numa política das emoções (AHMED, 2004).

Nos discursos de teor fascista, o ódio opera enquanto um objeto de defesa contra possíveis danos (o que o dota de grande persuasão): é observável a justificação de posicionamentos em prol do "amor" ou de um "bem maior", comenta Ahmed (ibid.). Aqueles que perpetraram discursos de ódio colocam a si mesmos e a seus afetos enquanto vítimas e, a partir de suas perspectivas, redesenham fatos e argumentações. O ódio, então, afetado pelos jogos sociais e estórias criadas, passa a dar efetividade aos mesmos. A emoção do ódio opera trazendo estas estórias para a vida cotidiana, marcando os aspectos críticos e danosos (sempre criados pelo "outro"). Nesse sentido, assume-se que a causa dos problemas é a proximidade com a figura do "outro", matizada como a origem de sentimentos ruins.

O cruzamento entre os objetos das emoções e os "outros" ligados a estes revelam atributos que dão a "nós" uma identidade dissociada dos "outros". Quando o "eu" é alinhado com "alguns outros", este é também alinhado contra "alguns outros", comenta a autora (ibid.). Sendo assim, nota-se que o sentimento de ódio tem a ver com identificação.

Para Lebrun (2008), o ódio assume sua concretude através da linguagem. Uma vez que o sujeito se estrutura como fato social a partir do embate entre sua individualidade com a pluralidade do outro, subsume-se que o ódio (que passa a existir no instante que falamos), para além de um sentimento individual, estrutura o sujeito quando opera nas relações de comunicação interpessoal.

O ódio enquanto uma narrativa de dano é desta maneira, distribuído em figuras diversas. E essas figuras encarnam a ameaça de perda. Ahmed (2004) traz como exemplo um trecho de um discurso fascista retirado do *website The Aryan Nations* (p.42). Ali, eles elegeram como objetos de ódio figuras como o "casal inter-racial", o "molestador de crianças", o "estuprador" e "estrangeiros". Estas figuras materializam a ameaça de perda de seus empregos, de seu dinheiro e de sua terra. Por meio delas, eles marcam o perigo da "impureza", da "mistura do sangue" com sua "raça pura". Fazendo

uso de uma retórica carregada de metonímias, casais inter-raciais e imigrantes são percebidos enquanto estupradores e molestadores. Se “eles” são “parecidos” com o “outro”, “eles” são opostos a “nós”. Essa retórica de ódio se vale de diferentes objetos que, figurando juntos, constituem uma “ameaça comum”. O ódio trabalha por meio de uma espécie de economia dos afetos: ele circula por significantes em relações de diferença e substituição.

Assumindo tal lógica, podemos perceber que as emoções funcionam como uma forma de capital e seus efeitos estão em seu potencial de circulação. Essa ideia é consonante ao conceito de violência simbólica de Bordieu (1989), pelo qual são os símbolos e signos da linguagem que estruturam sistemas simbólicos e tornam possível a manutenção do senso comum e a perpetuação de discursos de intolerância e ódio.

Ahmed (2004) pontua que, quanto mais circulam, mais efetivos se tornam os objetos dos afetos. No caso do ódio, ela exemplifica que a impossibilidade de reduzir tal emoção a um objeto em particular permite que este circule dentro dessa matriz econômica, na qual é necessário diferir o “nós” do “eles”, porque “eles” constituem a causa de “nossos” danos e de “nosso” ódio. O dano (potencial) está atrelado e motiva o ódio. Como os signos do ódio operam entre o senso de ameaça e risco, e estes dificilmente podem ser localizados sob uma figura precisa, isso permite ao afeto do ódio operar do jeito como atua, de maneira inter-relacional e complexa, ora explicitamente, ora implicitamente.

Considerações finais

Nas redes sociais há o risco da homogeneização ao se reduzirem as possibilidades de ação, experiências e também a nossa autonomia em detrimento de reações estritamente motivadas por aspectos emocionais e direcionadas pelas dinâmicas do ciberespaço. Sem o respaldo das interações interpessoais face-a-face, é pouco provável que consigamos estabelecer uma verdadeira responsabilidade ética, fundada na confiança e na intimidade dos afetos, defende Williams (1998).

Retomando Buarque de Holanda (1936), cabe comentar sobre o legado cultural ibérico ao povo brasileiro. O povo ibérico, orientado por uma espécie de senso ético individualista e egótico, caracterizou-se por ter um perfil aventureiro, alheio a regras,

tendo suas escolhas e ações norteadas principalmente por laços de sangue e afetivos. A aristocracia rural dos primórdios de nossa história recente terminou por associar tal influência comportamental e cultural ao ideário sócio-econômico-cultural estadunidense. Isso parece ter influenciado na construção das bases políticas da sociedade brasileira, seus idealismos, práticas civis e democráticas. Essa herança possivelmente colaborou com a instituição de crenças, valores e posicionamentos morais, verificáveis ainda hoje. O *flaming* na *web*, no âmbito brasileiro, parece ser uma amostra de tal observação.

Precisamos denunciar, compreender e fomentar a reflexão sobre estas práticas. Nesse sentido, em relação à banalização do *flaming*, e com base no que foi exposto até aqui, retomamos Ahmed (2004), que explica que o ódio é uma emoção complexa e ambígua, fundada por um enredo complexo entre fatores subjetivos individuais, sociais, culturais e políticos, operando por meio de um regime econômico intrincado. Conforme tal perspectiva, podemos tentar compreender os comentários de ódio da *Galileu* aqui indicados não apenas por uma motivação individual subjetiva. Os atores sociais, pertencentes a grupos sociais e culturais diversos, são expostos a discursos e histórias ao longo de suas trajetórias de vida, muitas vezes reforçadas por familiares e nos grupos sociais dos quais fazem parte. Para se manterem integrados aos mesmos, é necessário reiterarem o ordinário, os paradigmas adotados por seus afetos. É um caminho possivelmente mais seguro para ser aceito, manter-se integrado e acolhido por seus pares. Por que arriscar a compreensão e respeito dos “outros” e seus mundos “estranhos”? Corre-se o risco de ser delegado ao grupo “daqueles” e de ser renegado por seus afetos. Práticas sociais, emoções, signos e significados, deste modo, ganham potência com o seu uso reiterado no decorrer da história.

Como espectadores, precisamos gerar empatia com os personagens de uma trama, cada qual com suas visões de mundo (muitas vezes antagônicas), para tentar perceber e aprender toda uma diversidade de emoções, relações sociais e posicionamentos morais atuantes no enredo, a fim de compreendê-lo em um sentido amplo. A capacidade imaginativa de perpassar pontos de vista heterogêneos e relacioná-los, respeitando antagonismos, é a base de um viver mais consciente, o que inevitavelmente repercute em maior compreensão e em bom convívio social. A lógica “tudo que foge do que acredito ser certo é errado e precisa ser combatido”, tão presente

nas relações sociais cibermediadas, é uma ameaça ao bom convívio, à cidadania e à capacidade de dialogar, além de comprometer o ideal democrático, cada vez mais fragilizado. Defendemos que discussões como esta podem, nesse sentido, fomentar outras e, quem sabe, estimular pequenas reflexões e revisões em modos de pensar massivamente institucionalizados.

Referências

- AHMED, Sara. **The cultural politics of emotion**. New York: Routledge, 2004.
- AMARAL, Adriana; COIMBRA, Michele. Expressões de ódio nos sites de redes sociais: o universo dos *haters* no caso #eunãomereçoserestuprada. **Contemporânea | comunicação e cultura**, v.13, n.1, 2015, p.294-310.
- ARANHA, Glauco. Flaming e cyberbullying: o lado negro das novas mídias. **Ciberlegenda**, v.31, n.2, 2014, p.122-33.
- BENDELOW, Gillian; WILLIAMS, Simon J. **Emotions in social life: critical themes and contemporary issues**. London: Routledge, 1998.
- BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1989.
- BUTLER, Judith. **Cuerpos que importán: sobre los limites discursivos del sexo**. Buenos Aire: Paidós, 2002.
- BUTLER, Judith. **Gender trouble, feminism and the subversion of identity**. New York: Routledge, 1990.
- DERY, Marc. **Flame wars: the discourse of cyberculture**. Durham: Duke University Press, 1994.
- FILHO, João Freire. Era uma vez o “país da alegria”: mídia, estados de ânimo e identidade nacional. **Intexto**, n. 34, p. 401, 2015.
- FOUCAULT, Michel; ALBUQUERQUE, Maria Thereza da Costa. and ALBUQUERQUE, J. A. Guilhon. **Historia da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1997.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade, 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 2003.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade, 3: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 2002.
- HOLANDA Sérgio Buarque de. **Raizes do Brasil**. Rio: J. Olympio, 1936.
- LEBRUN, Jean Pierre. **O futuro do ódio**. Porto Alegre: CMC, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1998.

PIAGET, Jean. **O julgamento moral na criança**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

RECUERO, Raquel. Atos de Ameaça a Face e a Conversação em Redes Sociais na Internet. In: Alex Primo. (Org.). **Interações em rede**. Porto Alegre: Sulina, 2013, p. 51-70.

SILVA, Tomaz Tadeu da.; HALL, Stuart and WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

TIBURI Márcia. **Como conversar com um fascista**: reflexões sobre o cotidiano autoritário brasileiro. Rio de Janeiro: Record, 2015.